

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	V. 14	p. 191-199	2007	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	------------	------	----------------

## O RITO E O MUNDO ENTRE PARÊNTESES

**Denize Dall Bello\***

**RESUMO:** Pensa-se que, quando se conclui um mestrado ou um doutorado, a pesquisa também terminou. No entanto, esse foi, pelo menos para mim, um dos maiores enganos. Percebe-se rapidamente que aquilo que nos encantou fundo continua lá mais profundo do que jamais sonhamos ou imaginamos registrar em nossos trabalhos de conclusão. A pesquisa é maior que as nossas idéias de finitude e ela continua nos pesquisando ainda que tentemos fazer outras coisas. Outras coisas que talvez sejam as mesmas. Tendo concluído o trabalho *A pedra e a escrita: escavações na mídia secundária*, pergunto-me com uma certa freqüência: será que essa pesquisa foi somente a tentativa de construir um caminho para a compreensão do gesto arcaico de escrever como cortar, a partir das contribuições de Vilém Flusser e de Norval Baitello, conforme se apresenta, ou será que ela pretendia mostrar-me algo a mais? Este é um texto sobre esse *algo a mais*. De certo modo, é sobre a figura mítica da serpente – metáfora que orientou o trabalho acima citado – e o que havia em uma das suas pontas: o rito e o mundo entre parênteses.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura, comunicação, tempo-espço, rito.

---

\* Professora do Departamento de Letras, Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso.

## **THE RITE AND THE WORLD BETWEEN PARENTHESES**

**ABSTRACT:** It's common to think that when one finishes his/her Post-graduation courses, research is finished too. However, to think this way was one of my big mistakes. This is so because what really amazes us is still there, maybe not yet revealed in our thesis. Research is greater than our conceptions of end and that's why it goes on researching us, even when we try to do other things. Things that can be the same ones. After having finished the paper "A pedra e a escrita: escavações na mídia secundária", I frequently question myself: was this research only an approach to the understanding of writing as an archaic gesture such as cutting through the point of view of Vilém Flusser and Norval Baitello? Or, did this research want to reveal me something else? This text is about this "something else". To a certain extent, it is about the mythical image of the serpent – the metaphor that guided the studies in the cited paper – and what existed in one of its ends: the rite as the world in parenthesis.

**KEYWORDS:** culture, communication, time, rite.

## O Rito e o Mundo entre Parênteses<sup>1</sup>

*Nunca se pode ver o contorno enquanto se está no meio da conversa. Porque, se pudéssemos vê-lo, seria previsível - e não só cada um de nós, mas ambos juntos, seríamos previsíveis*  
Gregory Bateson

Aprende-se com os mitos e as narrativas literárias a complexidade dos símbolos. O símbolo que me permitiu maiores possibilidades de exprimir a idéia de mutabilidade que, conforme Ítalo Calvino, se associa ao incerto e ao indefinido, foi o da serpente. Terror e encanto provindos dessa imagem e da idéia do incerto. Terror e encanto provindos de uma constatação: a de que o falso fim da pesquisa sobre as raízes da escrita<sup>2</sup> me fez entender que a busca pela compreensão desse universo havia apontado, também, para uma outra direção.

---

<sup>1</sup> Conforme Aldo Terrin: “Quando se usa o termo ‘rito’, faz-se referência a uma ação realizada em determinado tempo e espaço. Assim, dizemos que o rito do *Bar Mitzwah* é o rito que faz com que o menino se torne homem, no judaísmo, assim como no cristianismo o rito do batismo faz da criança um cristão. Trata-se, pois, de ações rituais realizadas no seio de uma religião ou de uma cultura e reconhecidas como tais. Trata-se de ações que são diferentes das ações da vida ordinária e se distinguem do comportamento comum.

Quando, ao invés, falamos de ‘ritual’, fazemos referência a uma idéia geral da qual o rito é uma instância específica. Assim, não existe o ‘ritual’, que é uma abstração. Fala-se, porém, de ‘ritual’, na Igreja romana, mas com outro significado, isto é, como texto exemplar para a execução dos ritos e das liturgias. Por isso, o ritual seria somente uma idéia que os estudiosos formulam como conceito de rito. Ele, em outras palavras, seria o que é definido de modo formal e mediante caracterizações, enquanto o rito é aquilo que se realiza e se vive em determinada religião e cultura” (2004, p. 20).

<sup>2</sup>A pesquisa a que me refiro recebeu o título de *A Pedra e a Escrita: Escavações na Mídia Secundária* e teve como objetivo principal tentar construir um caminho para a compreensão do gesto arcaico de escrever como cortar a partir das contribuições de Vilém Flusser (e seu conceito de linearização do pensamento a partir da escrita como parte de uma escalada da abstração) e de Norval Baitello (com o seu conceito de escrever como cortar superfícies). Explorando o significado do termo cortar, que significa dividir com instrumentos de gume, foi apresentada uma associação entre o gesto de escrever e a longa cadeia de gestos das indústrias do talho do período Paleolítico.

Na época, não foi possível falar dessa segunda direção, mas penso que agora este momento chegou. Enquanto esforçava-me na pesquisa que precisava realizar, pouco ou quase nada em mim havia se dado conta de que algo tinha sido deixado de fora, lançado de canto, mesmo. Isso serviu para me alertar que no fundo, no fundo, os processos que vivenciamos são bem mais inteiros do que aquilo que tencionamos registrar em nossos trabalhos de conclusão. Abertamente e sem compreender, eu escrevia sobre uma coisa, querendo mostrar outra. Não foram poucas as vezes em que me interroguei – e ainda faço isso – sobre a dificuldade da precisão, inclusive na composição formal do trabalho, naquela ocasião.

O fato é que estava vivendo um rito. Acaso pode um rito se interpor assim no nosso cotidiano tumultuoso? Como que para tentar explicar a mim mesma sobre essa experiência desorientadora, de imediato uma outra questão se formou: poderia eu ter escrito qualquer coisa sobre o rito sem antes tê-lo vivido? Afinal, na nossa cultura, o rito é quase sempre olhado como uma inutilidade; é falso e vale menos do que aquilo que está por trás dele (Cf. TERRIN, 1999, p. 8). Além domais, um trabalho acadêmico precisava ser levado adiante. Estava configurada ali a minha grande dificuldade. Não reconhecia o rito, apenas vivia-o na sua imediatez e espontaneidade. Visto que é a expressão de uma vivência particular, é mais inconsciente do que manifesto. Quem realiza um rito - observou Aldo Terrin - não o vê em perspectiva. Isso porque esse comportamento tem, em suas raízes, o fundamento biológico.

Ainda que nos esforcemos em considerá-lo somente em sua dimensão simbólica, próximo à consciência, ainda assim esse jamais será uma ação plenamente consciente, pois o próprio mundo biológico é a outra força que participa na formação da ritualização. De maneira que Terrin (1999, p. 114), referindo-se a essa perspectiva, pode dizer que

[...] há alguma coisa da cultura na natureza, sob o aspecto do aprendizado; há alguma coisa de instinto na consciência, onde a ação ritual não é nunca a expressão de uma

conscientização e liberdade total, mas é também o resultado da tradição, do ambiente, do contexto, e não só da consciência (TERRIN, 1999, p. 114).

De sua parte, também Boris Cyrulnik se pôs de acordo quanto a esta compreensão e definição do ritual como o resultado de uma co-adaptação de informação genética e cultural. Nas suas palavras, *um ritual é a forma cultural adquirida por uma necessidade fisiológica quando, para ser satisfeita, tem de se adaptar às pressões sociais. Em suma, o ritual permite ao biológico adaptar-se ao cultural* (1993, p. 247). Ele é a síntese da interação entre os três fundamentos em que nós nos inscrevemos: o biológico, o social e o cultural.

A pequena jornada iniciada no ano 2000 no estado de São Paulo e findada em 2004 foi, então, a vivência de um rito. Quer dizer: o encontro com um mito – uma imagem: a do deus Hades. Um primeiro encontro aconteceu durante uma viagem pelo metrô de São Paulo no ano 2000. Na ocasião, escrevi que o deus Hades havia se colocado em ação na forma de uma serpente metálica com uma longa cabeleira vermelha. De onde venho, Cuiabá - Mato Grosso, não existe o metrô e quando, parada numa das suas estações, vi saírem de dentro de um dos buracos negros dois grandes olhos luminosos, imaginei o deus subterrâneo. Um pouco mais tarde, isso acabou rendendo um trabalho intitulado “A História de Hades, Perséfone e o Metrô”. O metrô-serpente era Hades e eu a Perséfone raptada. O filho de Cronos e senhor do mundo subterrâneo – apresentou-se, então, como um deus dançarino. É que a dança é a primeira apresentação do mundo como reino de forças místicas e o mundo do dançarino é sempre um mundo transfigurado - afirmou Sussane Langer (2006, p. 200). Quem dança – completou ela - cria o próprio reino. Por isso, um encontro é sempre decisivo. Tudo nele é importante, sobretudo, porque compreendemos as maneiras como nós entramos nos espaços. Terrin (2004, p. 210) que estuda o rito e o espaço diz *que a nossa sociedade está à deriva, pois não sabe mais reconhecer “espaços diferentes”, porque tudo se torna igual e*

*os lugares não falam, porquanto não caracterizam mais um ambiente e não circunscrevem mais uma realidade.*

Sem saber, o rito havia se transformado, então, num pequeno motivo de pesquisa. Um *drama* do qual não era possível fugir. Pois a questão era: como me ajustar ao novo ambiente sonoro, veloz e hiperestimulante da capital de São Paulo, cuja organização cultural era bem diferente da que conhecia até então? Era preciso *salvar* a própria vida - a própria história - realizar um rito. O que é um trabalho acadêmico diante dessa luta monstruosa que temos de travar quando nos lançamos ao *novo mundo*? São lutas míticas para a co-adaptação. Homens e animais - ainda que de modo diferente - vivem isso! Pode-se escondê-lo ou eliminá-lo, se toda a nossa vida se expressa ali? De fato, a vida tem uma densidade, uma dramaticidade maior que a racionalidade ou que as instituições.

Não me parece abusivo, então, relacionar essa perspectiva, documentada e estudada pela etologia, com a mitologia do herói; ao contrário, todo herói só o é, porque desafia dois mundos: ele deixa um e vai para um outro. A proeza estará na sua tentativa em fundir esses dois universos. *Drama, dança, espaço*. O rito é tudo isso! Vivê-lo é como desenhar um novo roteiro para a nossa vida. Assim chegamos a uma importante idéia sobre o rito. Cada vez que o nosso mundo psico-espacial pende para a desorganização - que pertence ao universo do viver - nós agimos simbolicamente a fim de coordenar o nosso tempo pessoal com o tempo cósmico. Quer isto dizer que, diante das alterações no ambiente, o corpo empreende à vida orgânica uma ordem correspondente à ordem universal. Trata-se de artifício de harmonização com o mundo imediato. Na impossibilidade de organizar e vivenciar o rito aparece a violência.

Dado que rito vem do latim *ritus* e quer indicar a ordem estabelecida e, ainda, que na sua base indo-européia, a raiz *ri* significa escorrer, o sentido que Aldo Terrin quer valorizar é precisamente o de que o rito é *fluir de movimento e repouso, uma realidade que decompõem o tempo e modula harmoniosamente os registros do nosso agir no mundo* (2004, p. 18). Diz ele:

Estou convencido de que tão forte é a necessidade do rito para o viver factual do homem no mundo, quanto transcendentais são a força e a dinâmica que o rito libera, não por uma simbólica secundária e ligada toda vez aos conteúdos, mas por uma simbólica original que se manifesta lá onde o rito traduz inevitavelmente a relação com o mundo. A consciência de si se constrói em torno do corpo e em relação com o mundo. Somente essas pré-condições abrem o caminho às possibilidades de ligar a ação à existência no mundo (2004, p. 169).

O mundo do rito também conhece a funcionalidade.

Na busca por uma melhor compreensão desta minha experiência, há, também, entre as idéias que gostaria de apresentar, esta: a do *lúdico*. E a primeira coisa que me vem à mente, é, outra vez, a imagem do *deus que dança*. Carregada de significados, fui muito pouco capaz durante todo esse tempo de formular conceitualmente qualquer coisa a seu respeito. Mas agora que o rito e as imagens que o acompanham estão se tornando um pouco menos vagos, posso desenvolver alguma interpretação. Se tivesse de escolher um elemento nessa imagem do deus dançante, da qual nunca consegui me desvencilhar, diria: a *lilã*. Trata-se da dança de Shiva e a flauta de Krishna. A razão de mencioná-la está na extraordinária idéia de que todo o mundo e a criação é resultado de um espetáculo e de uma brincadeira no mundo divino (TERRIN, 2004, p. 345). Fica-se profundamente fascinado com isso! Sobretudo, porque, se trata do poder da imaginação - da invenção. Componente fundamental da nossa existência, ela é quem nos guia para fora do mundo físico. *Toda projeção que saia do mundo torna-se inservível e indecifrável dentro dos esquemas mundanos* (TERRIN, 2004, p. 63). Só um deus brincalhão pode, então, dar ao rito esse caráter de possibilidade. Só um deus mascarado pode, por isso, levar aquele que vive um rito à saída do mundo habitual - a uma *inclusio*. A vida real, por assim dizer, fica emoldurada enquanto o ritual durar. Todo agir cotidiano e os seus elementos lógicos são colocados entre parênteses, a fim de que o participante consiga *transportar* a realidade. O tempo social é colocado para escanteio.

Então, dotados de novos valores, os cenários, as coisas, as palavras e as ações poderão impor a ordem do *in-lusório*. É ela quem passará a operar.

Sem dúvida, esse jeito de comunicar do rito é muito especial, visto que não denota mais aquilo que deveria denotar, realiza uma ação de alto conteúdo simbólico-comunicativo. Por isso é cheio de segundas intenções. De modo que romper as regras que guiam esse mundo *ad extra*<sup>3</sup> é danoso à experiência do ritual. O desmancha-prazer é a prova viva disso – observou Terrin (2004).

A imagem de um deus que dança, de um deus que brinca e joga comporta, portanto, a idéia de que o rito nasce não só da necessidade, mas fundamentalmente *como jogo* (Terrin: 2004, p. 158). O jogo aparece como uma atividade da cultura, cuja finalidade é a de nos ajudar na adaptação da realidade (Bystrina, 1995, p. 15) O deus e o seu dançar são, assim, uma referência direta à vontade de se atirar fora também o aspecto simbólico que é o instrumento com o qual compreendemos o mundo. Acontece que na linguagem ritual, as sensações e as percepções precedem a visão conceitualizada do mundo. *É nesse nível - diz Terrin - que se percebe quão profunda e primordial é a força pragmática e unificadora do rito, que dá prioridade ao corpo e que pensa através do corpo* (2004, p. 165).

Assim, se há algo de importante a ser retirado dessa experiência - que não foi uma observação externa de algum rito, mas uma vivência com intenções diretas e indiretas - foi a de tê-la sentido como um fato comunicacional entre o mundo do observador e o do observado. Nesse caso, teria sentido indagarmos sobre o lugar do objeto ou do sujeito nessa história? De certo modo, essa foi a pergunta que sempre esteve em questão. Rito e participante suportariam ser colocados em lados opostos? Assumamos: a realização de tal dicotomia não seria, talvez, a criação do *antiespaço*?

---

<sup>3</sup> As palavras: *inclusio*, *in-lusório* e *ad extra*, utilizadas nesse texto foram retiradas do livro *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*, conforme consta na bibliografia.

## **Bibliografia**

BAITELLO, Norval. *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume, 1999.

BYSTRINA, I. *Tópicos de semiótica da cultura*. São Paulo: CISC-Pre-Print, 1995.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

CYRULNIK, Boris. *Memória de macaco e palavras de homem*. Lisboa, Instituto Piaget, 1993.

\_\_\_\_\_. *Os alimentos do afeto*. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LANGER, Susanne K. *Sentimento e forma*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TERRIN, Aldo Natale. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo: Paulus, 2004.